

O Sentido do Trabalho em um Setor Fragmentado

Thiago de Sousa Santos
t.ss@ig.com.br
UFLA

Rosa Teresa Moreira Machado
rosafior@dae.ufla.br
UFLA

Cleber Carvalho de Castro
clebercastro@dae.ufla.br
UFLA

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de um estudo que teve como objetivo compreender o sentido do trabalho de pessoas que exercem atividade em setores fragmentados como o artesanato. A análise foi feita com artesãos que têm como matéria prima o estanho e a madeira, localizados nos municípios de São João Del Rei e Santa Cruz de Minas no estado de Minas Gerais. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema tomando como análise a própria categoria “trabalho” como um universo de significados. Utilizou-se a abordagem qualitativa, tendo os dados coletados por meio de entrevistas baseadas em roteiro semi-estruturado. Apresenta-se a diversidade de sentidos do trabalho retratado pelos artesãos e a importância da atividade do artesanato na vida cotidiana de cada indivíduo.

Palavras Chave: Artesanato - trabalho - sentido do trabalho - -

1. INTRODUÇÃO

As diversas concepções sobre trabalho definidas pelas ciências contribuem para uma ampla reflexão sobre sua importância e o impacto gerado no ser humano. No entanto, para um foco mais específico de discussão, numa abordagem capitalista em relação ao trabalho, baseando-se na constante busca por acumulação de riqueza, as transformações pelas quais tanto o conceito quanto as relações, constroem no tempo uma espécie de caminho percorrido, demonstrando o que prevaleceu em cada ponto da história como aspecto significativo acerca do trabalho.

O trabalho é algo importante na vida das pessoas, mas as relações entre as pessoas e o trabalho, e entre as pessoas e as empresas são marcadas por rotinas conflitos e frustrações. Atualmente, o que se caracteriza como importante no mercado de trabalho, é parecer dinâmico e empreendedor, é estar em dia com as idéias gerenciais e conhecer as pessoas certas.

Entretanto, ouve-se do outro lado, de quem está fora dessa rotina, um imenso desejo de fazer parte dela. Mas, ao mesmo tempo em que pessoas buscam incessantemente uma colocação no mercado de trabalho outras se queixam e desejam encontrar outras formas de realização pessoal e profissional.

Nas três últimas décadas do século XX ocorreram inúmeras transformações sociais, entre as quais destaca-se a hegemonia do pensamento econômico e empresarial na sociedade, ampliando enormemente o papel das organizações na sociedade e na vida dos indivíduos (CHANLAT, 2000).

A cultura moderna, calcada na sociedade industrial, cria uma interdependência entre a sociedade e suas organizações. O mesmo ocorre em relação ao trabalho, sendo que este é simultaneamente conseqüência e influenciador da sociedade e das organizações. Desta forma, tal fato sofre influência, como também influencia o meio.

O processo de mudança em curso cria uma classe trabalhadora fragmentada, complexa e heterogênea, a ponto de apresentar-se mais qualificada em determinados setores (inclusive com relativa intelectualização do trabalho) e desqualificada e extremamente precarizada em outros (ANTUNES, 1995). Levadas pela racionalidade instrumental e pelas categorias econômicas rigidamente estabelecidas, as organizações passam a considerar seus trabalhadores apenas recursos, cujo rendimento deve ser satisfatório como o das ferramentas, os equipamentos e a matéria-prima.

Por fragmentação de setor entenda-se nenhuma empresa possui uma parcela de mercado significativa, nem pode influenciar fortemente o resultado do setor. Constitui-se de um grande número de pequenas e médias empresas (VIANNA, 2005). Nos setores fragmentados, em conseqüência das baixas barreiras à entrada, são muitos os participantes, e a concorrência é significativa. (HEXSEL e LAGRECA, 2007)

Para Dejours (1987), a organização do trabalho, concebida por um trabalho especializado da empresa e estranho aos trabalhadores, choca-se diretamente com a vida mental e com a esfera das realizações, das motivações e dos desejos do indivíduo, levando-o à perda do sentido na realização das tarefas. No trabalho artesanal, que precedeu a organização científica do trabalho e, ainda hoje, rege as tarefas muito qualificadas, uma parte da organização do trabalho é definida pelo próprio operador. A organização temporal do trabalho, a escolha das técnicas operatórias, os instrumentos e os materiais empregados permitem-lhe, dentro de alguns limites, adaptar o trabalho às suas aspirações e competências,

conferindo parte de sua identidade na realização das tarefas, colaborando para que o trabalho tenha sentido para o executor.

Entender as características que definem a organização de um trabalho, que faz sentido para aqueles que o realizam, torna-se importante, pois, pode orientar as decisões e intervenções dos responsáveis pelas mudanças que refletem sobre a organização do trabalho.

A atividade artesanal, neste sentido, surge não só como alternativa de renda, mas sim, como uma possibilidade de realização e estabelecimento do sujeito como ser ativo e responsável pela própria construção de identidade.

A proposta deste estudo visa analisar e compreender o sentido do trabalho para artesãos localizados nos municípios de São João Del Rei e Santa Cruz de Minas, que têm como matéria prima para a produção das peças, o estanho e madeira. Também preocupou-se para a realização da pesquisa, aquelas pessoas que têm o artesanato como fonte principal de renda, uma vez que, nota-se que quando um indivíduo desenvolve a atividade apenas como atividade complementar ou hobby, o sentido de trabalho para estes, podem ser bastante subjetivo, tendo assim, outros significados, caso que poderá ser abordado em estudos futuros.

Primeiramente, foi feita uma contextualização da atividade artesanal, demonstrando a importância do setor na região estudada. Serão levantados aspectos relevantes sobre o trabalho de base artesanal e as relações que possuem a atividade com outros setores na região estudada.

Posteriormente realizou-se um levantamento teórico sobre o trabalho, sentido do trabalho e trabalho de base artesanal. Neste ponto, busca-se compreender de que forma é possível entender a importância do trabalho na vida da pessoa, e de que forma e qual intensidade este possui na formação da identidade do sujeito. Desta maneira, alinha-se a importância que o trabalho possui e o sentido a que é relacionado. Neste ponto é associado o trabalho artesanal, buscando assim, características peculiares de sentido do trabalho a pessoas que exercem tal atividade.

Também vem sendo demonstrado os procedimentos metodológicos utilizados para a realização do estudo, que permitiu uma coleta de dados e análise, alinhando-se com o objetivo proposto do estudo.

E por fim, é retratado o estudo empírico, que vêm demonstrar através da pesquisa realizada, qual o sentido do trabalho para as pessoas que desenvolvem a atividade artesanal nos municípios relacionados, de forma a compreender com base no referencial teórico levantado, qual o sentido do trabalho para pessoas que têm o trabalho artesanal como fonte de renda.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. CONCEITO DE TRABALHO

Um dos conceitos de trabalho abordado no estudo é o proveniente da palavra “trabalho” de origem latina, “tripalium” que consiste na denominação de um instrumento de tortura formado por três paus (tri paliu). Na antiguidade os escravos e os pobres que não podiam pagar os impostos eram torturados no tripalium. Assim, a idéia de trabalhar como de ser torturado forneceu a compreensão não só do fato da tortura em si, como também, por extensão, das atividades físicas produtivas realizadas pelos trabalhadores como agricultores, artesãos, camponeses, etc.

No século XIV o termo começa a possuir um enfoque mais genérico, semelhante ao atribuído hoje, sendo uma forma de aplicação das forças e faculdades (talentos, habilidades)

humanas para alcançar um determinado fim. De acordo com Marx (1952) o trabalho é o principal mediador das relações entre o homem e o mundo, como criador de valores de uso, o trabalho é uma condição de existência do homem, uma eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza, conseqüentemente, da vida humana. Para ele, é através do trabalho que o homem regula, medeia, controla seu intercâmbio com a natureza, e ao transformá-la, transforma sua própria essência natural de ser humano. Por capacidade de trabalho ou poder de trabalho entenda-se o agregado das capacidades físicas e mentais que existem em um ser humano em que se exerce toda vez que se produz um objeto qualquer de valor. A característica racional de trabalho de acordo com autor ainda é refutada vendo como somente um produto de valor a ser explorado e que acumula mais exploração e, com isso, mais poder para quem o administra – isto é, o empregador. Nada fica para quem faz o trabalho – ou seja, o próprio trabalhador.

O trabalho adquiriu significados diversos e assumiu formas de organização e materialidade peculiares no decorrer do processo civilizatório, variando em cada contexto histórico (DOURADO et al 2009).

Antunes (2003, p.167) considera o trabalho “como fonte *originária, primária*, de realização do ser social, *protoforma da atividade humana*, fundamento ontológico básico da omnilateralidade humana”, reconhecendo seu papel fundamental na gênese e na constituição social. O trabalho é, para o autor, uma experiência elementar da vida cotidiana em resposta às necessidades sociais.

O trabalho humano é consciente e proposital, ao passo que a atividade dos outros animais é intuitiva. O trabalho que ultrapassa a mera atividade instintiva é a força que criou a espécie humana e o alicerce pelo qual a humanidade criou o mundo como o conhecemos (BRAVERMAN, 1987). De acordo com esse autor, o trabalho estabelece a relação Homem-natureza. É uma relação dialética: o Homem atua sobre a natureza, modificando-a e também se modifica.

A Revolução Industrial foi o acontecimento que mais alterou o mundo do trabalho (AMARAL 2008). De acordo com Max Weber, antes de existir a fábrica, a vida em geral era regida por um trabalho tradicional que gerava uma vida bem pacata. Enquanto o trabalho era artesanal, o tempo e o espaço cotidianos confundiam-se com a vida, assim como o tempo dedicado ao ócio e ao trabalho não eram divididos e separados. Masi (2000, p. 191) explica-nos como era a estrutura da vida no mundo artesanal.

“A primeira etapa é a do trabalho artesanal: trabalho e vida coincidiam totalmente. As oficinas eram muitas, separadas umas das outras, sem interação recíproca. Numa oficina faziam-se, digamos, vasos; numa outra, objetos de ferro batido. Elas funcionavam como microempresas, freqüentemente com localizações específicas, e é por isso que ainda hoje, em Roma, encontramos a via dei Baullari, que no dialeto romano significa literalmente ‘rua dos fazedores de baús’, ou via dei Sediari, isto é, ‘rua dos fazedores de cadeiras’, entre muitas outras.

Em cada uma dessas mini-empresas conviviam a casa e a oficina: o chefe da família também era o chefe da empresa, os trabalhadores eram os membros da família e os parentes, o crescimento de uma criança coincidia com o aprendizado do ofício, o tempo dedicado ao trabalho coincidia com o tempo da própria vida (por exemplo, se rezava, se cozinhava, se dormia, nos mesmos lugares em que se trabalhava). Naquele tipo de oficina se realizava um ciclo produtivo completo, desde o projeto até a execução e venda do objeto. O mercado era pequeno e praticava-se com freqüência diretamente a troca. No mesmo bairro se vivia, se trabalhava, se rezava na igreja ao lado e no botequim vizinho os homens iam jogar com os amigos.”

O trabalho, na tradição da Sociologia do Trabalho, é apresentado, ainda, não só como uma característica humana, mas o traço fundamental de toda a sociedade, o elemento que “ordena” as sociedades (DANIELLOU, 2004). De um lado, o trabalho reflete uma

configuração singular de uma sociedade em um dado momento; e, de outro, a própria noção de uma construção social que repousa sobre a codificação das práticas e exclui totalmente certas realidades, por meio das quais estas práticas revelam outras. É necessário, portanto, considerar a diversidade das práticas, voltar-se para as diferentes maneiras de olhar o trabalho ao longo dos tempos e explicitar o que esta noção torna visível e oculta.

Como o trabalho passou a acontecer num local específico, diferente da sua casa, criou-se a divisão do tempo entre trabalho e lazer. A vida durante o trabalho e o tempo livre tornou-se realidades diferentes, apesar de serem vividas pelo mesmo homem.

A análise proposta por Dejours (1997), o trabalho, além de ter um caráter de julgamento utilitário, significa para o trabalhador uma forma de afirmar sua identidade por meio das atribuições individuais inseridas por ele na realização da tarefa. Desta forma o sentido atribuído pelos indivíduos ao trabalho é composto pela utilidade para a organização e para a sociedade, relacionado com a idéia de finalidade e objetivo.

Outros autores abordam o tema trabalho sobre outras perspectivas. Mises (1995) propõe alguns conceitos para tratar do fenômeno trabalho: a) Como regra geral, o trabalho gratifica de forma indireta a quem trabalha, porque supre um desconforto pela obtenção de um fim. b) Há trabalhos que são imediatamente gratificantes e aqueles que são mediamente gratificantes. c) Os trabalhos imediatamente gratificantes possuem um rendimento duplo. Além de realizar o trabalho o indivíduo também obtém satisfação na própria execução do trabalho. d) Essencialmente, no entanto, as atividades que nos trazem prazer e deleite são fundamentalmente diferentes do trabalho. Assim acontece com o cantor quando tem que cantar em um recital e quando pode simplesmente cantar embaixo do chuveiro. No primeiro caso, ele obtém uma gratificação indireta relacionada à atividade de cantar. e) Ainda existe a figura do gênio criador, aqueles indivíduos cujas realizações não se preocupam com a gratificação imediata e sim com o prazer que extraem de suas atividades criativas. Assim, a relação natural do homem com o seu trabalho, considerado como campo de possível realização criadora de valores e da realização única e plena de si mesmo, sofre muitas vezes um desvio em virtude das circunstâncias dominantes no trabalho.

O sucesso e a riqueza material estariam ligados diretamente ao esforço individual. Soares (1992), menciona a influência da ética protestante, que defende o trabalho duro, sem recompensas imediatas, poupando para o futuro, economizando riquezas e evitando gastos, não caindo no ócio. Sendo assim, todos devem trabalhar e os que não trabalham não são considerados membros úteis à sociedade.

Para Soares (1992), há evidências de que os protestantes têm atitudes mais voltadas à ética do trabalho do que os católicos e, como consequência, os países com maioria protestante seguem mais a ética do trabalho e, portanto, maior é o sentimento de obrigação do trabalho.

O trabalho é um caráter de distinção primordial da espécie *homo sapiens* perante aos demais seres. Este serve para que os homens criem algo e se desenvolvam enquanto seres humanos, proporcionando uma melhor qualidade de vida em sociedade. Foi por meio do trabalho que os indivíduos, homens e mulheres, distinguiram-se dos demais animais. Em todas as áreas do conhecimento científico, comprovou-se ter sido a capacidade de trabalho, enquanto capacidade constituída de planejamento e execução, o diferencial dos seres humanos frente aos demais seres vivos. Independente da atividade, qualquer profissão, portanto, pode dar satisfação ao homem.

Em virtude de sua importância, o trabalho também possui um sentido na vida humana, juntamente em uma sociedade. O trabalho é uma das atividades mais básicas e importantes para as pessoas na sociedade moderna, (HARPAZ E FU, 2002). O trabalho tem sido

classificado, geralmente, como a segunda mais importante esfera na vida de uma pessoa, perdendo somente para a família. Na maior parte das sociedades industrializadas, o tempo gasto no trabalho representa aproximadamente um terço do tempo em que a pessoa está acordada. Se adicionalmente for somado todo o tempo em que o indivíduo gasta se preocupando, planejando, treinando e em outras situações relacionadas com o trabalho, uma parte substancial da vida de um adulto será voltada para o trabalho. O conceito de centralidade do trabalho está relacionado com a importância relativa do trabalho na vida de uma pessoa.

Contudo, por outro lado, quando a vida humana se resume exclusivamente ao trabalho, ela se converte num esforço penoso, aprisionando os indivíduos. Se, por um lado necessitamos de trabalho humano e de seu potencial emancipador, devemos também recusar o trabalho que explora, aliena e infelicita o ser social. Essa dupla dimensão presente no processo de trabalho – que cria, mas também subordina, emancipa e aliena, humaniza e degrada, libera e escraviza, converte o trabalho humano numa questão crucial de nosso mundo, de nossas vidas, neste século XXI, cujo desafio maior é dar sentido ao trabalho humano e tornar nossas vidas fora do trabalho, também dotada de sentido. (ANTUNES, 2006).

Um fato verificado é que um percentual significativo, dependendo do país e da década, continuaria trabalhando, mesmo se tivesse dinheiro suficiente para parar de trabalhar. Esse fenômeno teria a ver com o sentimento de que o indivíduo, trabalhando, teria um elo com a sociedade, fazendo parte ativa dessa sociedade maior. Outro motivo seria ter algo a fazer, ter um propósito de vida. Os desempregados e os aposentados, por sua vez, caso não achem uma nova atividade como um emprego ou um *hobby*, sofrem um grande impacto quando deixam de ser produtivos e ativos como foram em toda a vida profissional. Portanto, o trabalho pode ser visto como tendo grande significado ao indivíduo tanto sob o aspecto econômico como sob o aspecto sócio-psicológico.

De acordo com Gomes (2008), o trabalho que era tão desvalorizado nas sociedades antigas, se transforma em um elemento fundamentalmente integrador da sociedade moderna, e em certa medida, aqueles que não trabalham não têm o direito de comer, muito menos descansar e se divertir.

O envolvimento com o trabalho, por sua vez, é definido por Lawler e Hall *apud* Son (2006, p.44) como “o grau pelo qual a situação do trabalho é central para uma pessoa e sua situação” ou como “a identificação psicológica com seu trabalho”. Por sua vez, Lodahl e Kejner *apud* Son (2006, p.44) definem o envolvimento com o trabalho como “o grau pelo qual uma pessoa é identificada psicologicamente com o seu trabalho ou a importância do trabalho em sua auto-imagem total”. Conforme Son (2006), esse fator (envolvimento com o trabalho) tem dois componentes, inicialmente mencionados pela equipe do Mow (1987), que são a identificação com o trabalho e o compromisso com o trabalho. “A identificação com o trabalho envolve o desenvolvimento de uma particular identificação do trabalho como central ou periférico em sua auto-imagem. O compromisso com o trabalho é um valor ou crença em o quanto o trabalho é importante na vida de uma pessoa” (SON, 2006, p.45). A relevância do trabalho é definida como “a importância relativa do trabalho em relação às outras principais funções da vida de uma pessoa, tais como família, comunidade, religião e lazer” (SON, 2006, p. 45).

Segundo Mannheim e Cohen *apud* Soares (1992), há variações nos valores de centralidade em função da atividade exercida, sendo maior em cientistas e profissionais liberais e menor em trabalhadores manuais. O sucesso e a riqueza material estariam ligados

diretamente ao esforço individual, sendo que todos devem trabalhar e os que não trabalham não são considerados membros úteis à sociedade.

Nas pesquisas realizadas por Mow (1987) entre os vários resultados do trabalho destacam-se: função de fonte de renda do trabalho, geralmente considerado o mais importante; função intrínseca do trabalho, considerando o trabalho como sendo interessante e satisfatório para os indivíduos; função interpessoal do trabalho, permitindo que tenha contatos interessantes com outras pessoas; função de servir à sociedade pelo trabalho, função de ocupação do tempo com o trabalho, quando o trabalho não é muito importante; função de fornecer *status* e prestígio pelo trabalho.

Neste contexto, as recompensas relacionadas ao trabalho podem ser referentes às tarefas, tais como trabalho interessante e desafiador, autonomia e responsabilidade, variedade, adequação com capacidades e habilidades. Num outro aspecto também podem ser sociais, no qual, são relacionadas com as recompensas advindas das relações com outras pessoas no ambiente de trabalho, tais como qualidade das relações interpessoais com supervisores e colegas. E ainda, quando pertencentes a uma estrutura, as recompensas podem ser organizacionais, relacionadas com as recompensas extrínsecas da organização para facilitar ou motivar a execução das tarefas, tais como pagamento, promoções, benefícios e condições físicas no trabalho (SOARES, 1992).

Neste sentido, as noções de resultados e objetivos são associadas aos conceitos de satisfação e motivação, respectivamente. Para adequar as características do trabalho com as necessidades individuais ou as necessidades do grupo é preciso conhecer o que é valorizado por essas pessoas. Os cientistas sociais acreditam que conhecendo as facetas do trabalho é possível clarificar a satisfação e a motivação no trabalho.

No contexto do trabalho de base artesanal, algumas características principalmente relacionadas a conceitos de satisfação e motivação, juntamente com a reflexão de significado do trabalho, são tidas como bastante peculiares. O trabalho é o elemento mediador entre a esfera da necessidade individual e da realização social.

2.2. SENTIDO DO TRABALHO

Tomamos o trabalho como ação humana propositada, ato criador do homem. Para realizar o trabalho, o homem necessita e desenvolve habilidades técnicas e/ou gerenciais que geralmente o especializam para exercer uma determinada função dentro de um ambiente fabril ou não. O trabalho serve para que os homens criem algo e se desenvolvam enquanto seres humanos por meio da cooperação, proporcionando uma melhor qualidade de vida em sociedade.

A literatura da psicologia social oferece ampla informação sobre a formulação teórica do significado do trabalho. As necessidades que diz respeito a aspectos financeiros, de bem estar e social, são consideradas preponderantes no discurso com relação ao trabalho. As necessidades psicológicas, que segundo Chiavenato (1999) podem ser definidas como as necessidades secundárias e exclusivas de realizar certas tarefas e não outras; que o fazem sentir-se atraído por certas coisas e evitar outras; o que o fazem valorizar certos comportamentos e menosprezar outros. Podem ser definidos ainda como os impulsos interiores, de natureza fisiológica e psicológica, afetados por fatores sociológicos: necessidades, frustração, aptidão, habilidades, atitudes e interesses. A literatura enfatiza que as necessidades psicológicas são incorporadas nas estruturas sociais, éticas e culturais. No caso da grande maioria das pessoas em sociedades industriais avançadas, essas necessidades psicológicas podem ser preenchidas somente através de um trabalho remunerado. É preciso ressaltar que quando bem concebido, o trabalho remunerado cumpre uma série de funções que

são vitais para o bem-estar individual, fornecendo acesso a coisas que o dinheiro pode comprar (GILL, 2006).

Alguns conservadores querem ver as pessoas fora do bem-estar. Para ter certeza, alguns argumentam que a dependência faz com que o bem-estar, enquanto trabalho, da às pessoas a possibilidade de independência. No entanto, também não é difícil discernir na preferência conservadora para o trabalho, sobre o bem-estar a sensibilidade mais punitiva que sustenta que as pessoas pobres deveriam trabalhar, não para ser livre, mas para aprender a importância da falta de liberdade (WOLFE, 1997).

A literatura sociológica parte de alguns dos seus terrenos intelectual com psicologia social em sua ênfase na centralidade do trabalho remunerado para o sentido social da identidade individual e auto-estima. O local de trabalho é argumentado como sendo regido por um sistema que funciona como uma política. As ações de gestão, portanto, não podem ser vistas como objetivo único de maximização do lucro, bem como, de que os trabalhadores não estão simplesmente trocando lazer por commodities.

Gill (2006), destaca em seu estudo a pesquisa de Jahoda que ofereceu uma estrutura conceitual cujo ponto de partida foi a sua observação que, nos tempos modernos, nas sociedades industriais avançadas, o trabalho realizado deve ser entendido não apenas como um órgão vital econômico, mas também como uma instituição social central. Esta instituição serve agora importantes funções psicológicas que, nas sociedades pré-industriais foram prestados fora do domínio do trabalho remunerado. Para a grande maioria das pessoas, o trabalho agora é a única instituição capaz de satisfazer essas necessidades psicológicas, as necessidades que devem ser enfatizadas, que são consideradas essenciais para o bem-estar individual.

A literatura de psicologia enfatiza a importância de uma série de atributos de postos de trabalho e ambientes de trabalho para o bem-estar mental e emocional individual. A literatura da psicologia habita sobre as características da experiência de trabalho ideal, ciência política, teoria da administração, sociologia, estudos feministas e sobre o conceito de poder discutir uma série de fatores que determinam o conteúdo do trabalho e relações humanas no trabalho. Essa literatura propõe que questões como a extensão do controle e da possibilidade de utilização de habilidades permitido por um determinado trabalho são movidos por outros fatores além do objetivo de melhorar o psicológico bem-estar dos empregados, por si só.

Há autores que revelam o surgimento de uma nova relação de trabalho entre os cientistas sociais e crítica social. Nem todos eles abordam com entusiasmo, pois permanece algo profundamente problemático trabalhar para os outros, e muito menos contribui para a produção de bens que, no entendimento popular, também podem ser tão nocivos quanto insípido. Mas é cada vez mais claro que o trabalho tem sido parte da condição humana e ainda é facilmente desejado ou rejeitado (WOLFE, 1997).

Para melhor ou para pior, afirma Wolfe, o trabalho é um dos lugares em que a aprendizagem ocorre, não só sobre o trabalho, mas também sobre o resto do mundo fora o trabalho. O fato de que ainda há tantos postos de trabalho que têm pouca auto-direção e contribuem com menos do que poderíamos esperar para o desenvolvimento moral das pessoas pode ser interpretado, não como um argumento para reduzir a nossa dependência do trabalho, mas como um argumento para incentivar justamente esse tipo de trabalho que contribui para a complexidade cognitiva, competências pessoais e os valores liberais democráticos.

Se o trabalho dá sentido à vida, a ausência de trabalho leva algo longe daqueles que vivem em um mundo onde, como Wilson (1996) coloca, o trabalho desapareceu. Wilson não discute com alguma profundidade o caráter dos postos de trabalho que não se encontra na

cidade, mas ele observa que "o trabalho constitui um quadro de comportamento diário e padrões de interação, pois impõe disciplina e regularidades. "Portanto, na conta de Wilson, uma pessoa sem trabalho não é uma pessoa cheia; um indivíduo não tem como "uma organização coerente de presente, ou seja, um sistema de metas concretas e expectativas" (WOLFE, 1997).

De acordo com Morim (2001, p.8-9):

(...), um trabalho que tem sentido é feito de maneira eficiente e leva a alguma coisa; é intrinsecamente satisfatório; é moralmente aceitável; é fonte de experiências de relações humanas satisfatórias; garante segurança e autonomia; mantém ocupado; e finalmente, permite encontrar pessoas com quem os contatos podem ser francos, honestos, com quem se pode ter prazer em trabalhar, mesmo em projetos difíceis.

A atividade artesanal, permite que os trabalhadores tenham um controle substancial sobre seus trabalhos. A autonomia no trabalho, em sentido restrito, refere-se à liberdade no exercício das funções e na realização das tarefas KÓVACS (2006). A dimensão diante dos limites e potencialidades do artesanato, mais especificamente do fazer artesanal, configura-se como condição geradora de conhecimento, reflexões que podem contribuir para a compreensão das relações que constituem o artesanato e os caminhos atuais de sua produção.

Com base na Teoria Crítica da Sociedade, destacando autores como Marcuse, entende-se que, na articulação com a arte, a psicologia encontra condições apropriadas para pensar os obstáculos objetivos e subjetivos à realização de seu objeto – o indivíduo. A produção dos autores da teoria crítica, apesar de não ser considerada de maneira homogênea, por existir diferenças teóricas entre eles, tem em sua base as formulações de Freud, reconhecido como um pensador privilegiado por dizer a respeito dos sofrimentos ocasionados na formação da civilização e da subjetividade.

2.3. TRABALHO ARTESANAL

A história do artesanato teve seu início no mundo com a própria história do homem, pois a necessidade de se produzir bens de utilidades e uso rotineiro, expressou a capacidade criativa e produtiva como forma de trabalho. A principal e mais importante característica do trabalho artesanal é o fato dele ser resultante de um trabalho executado pelas mãos, com sensibilidade, perícia e cuidado. A atividade é a precursora de processos industriais, trazendo no seu âmago tradição e inovação, preservando memória, e paralelamente, promovendo mudanças contínuas no modo de viver das pessoas.

De acordo com Gullar (1994), apesar de o trabalho artesanal ser visto como atividade inferior desde a Antiguidade, a efetiva distinção entre arte e artesanato trata-se de um fenômeno moderno que tem seu início no Renascimento, na divisão de trabalho (artistas e artesãos) que se estabelece nas equipes de construção de igrejas medievais, uma vez que esta proporciona condições ao aparecimento do artista individual. Para o autor, quando esta figura deixa o canteiro de obras e passa a ter o ateliê próprio, pode prescindir da encomenda e criar, à espera de um futuro comprador. O Autor define que "uma das características do artesanato, em contraposição à arte então nascente, é que esta se caracteriza pela busca de novas formas e estilos, enquanto o artesanato é conservador e repetitivo" (GULLAR, 1994, p.8).

Um aspecto diretamente relacionado ao trabalho artesanal vem retratar a respeito do talento. Talentos servem e permitem a diferenciação de empresas e indivíduos de uma média. Talentos permitem resultados superiores, em qualidade, velocidade, quantidade ou qualquer palavra que exprima algo superlativo sobre os demais elementos de comparação. Talento é algo que por estar "fora da média" não é comum, chega a ser raro e, dificilmente não é desejável.

Talento, inato ou adquirido, por organizações ou pessoas, permite a diferenciação, destaque, atenção, sucesso (no sentido genérico), e possivelmente, maiores chances de perenização. No limite, o talento aumenta a chance de sobrevivência de organizações e indivíduos de diferentes espécies, pois lhes confere possibilidades superiores para enfrentar situações diversas. E por serem particulares de indivíduos ou organizações, serão delimitados em sua expressão espacial e temporalmente. Esta delimitação tem como base a possibilidade e a necessidade de sua expressão ou exercício, daquilo que poderá ser chamado de talento.

O talento inato tem a sua importância, mas no âmbito das organizações é prioritário entender, discutir e possibilitar a expressão do que poderá ser chamado de talento. A questão da origem passa ser secundária. Assim a definição de talento é condicional ao contexto de uma organização e/ou mercado.

No trabalho artesanal, o talento emerge como requisito indispensável à realização do ofício. Tal característica permite assim diferenciar o fazer artesanal de outras formas de produção que não retrata uma identidade cultural.

O entendimento de cultura no fazer artesanal como um valor, um fim em si mesma, autentica seu caráter de dominação ao manter a dissociação entre cultura (espírito) e civilização (bens materiais). A cultura não é só espírito e tampouco bem material. Assim, tudo que o homem produziu e produz é cultura, ou seja, representação dinâmica da mediação social.

Desta forma, se a sociedade se estrutura na dominação, os homens impedidos de expressar-se de acordo com sua autoconsciência estão de “antemão deformados”. Essa ilusória ambigüidade da cultura nos remete à separação social colocada entre o trabalho do corpo e o trabalho do espírito, base para pensar a práxis do artesão, que camufla seu adoecimento através da propaganda de um ofício extraído do espírito (expressão/criatividade), como se seu corpo não estivesse acuado pelo ritmo da alta produtividade exigida pelo mercado.

Na tensão entre aspectos subjetivos e objetivos, a atividade artística exercida entre a sensibilidade e a razão proporciona um momento onde a violência deformadora é contida e transformada.

Neste sentido, considerando os elementos que compõem o fazer artesanal, tais como os mencionados, permite ao artesão expressar-se de certa forma que permite mensurar e visualizar seu trabalho tendo assim intrinsecamente um significado.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho foi desenvolvido utilizando-se de uma abordagem qualitativa. Visto que tal metodologia contribui para a compreensão em profundidade da realidade como processos socialmente construídos, ela se torna pertinente ao estudo que pretende retratar como os artesãos, a partir de suas vivências pessoais e sociais, constroem e retratam o sentido atribuído ao trabalho.

Este trabalho classifica-se como uma pesquisa exploratória descrita por Gil (2006) como um tipo de pesquisa que visa proporcionar uma visão de um determinado fato, envolvendo levantamento bibliográfico, entrevista com pessoas que tiveram, ou têm experiências práticas com o problema de pesquisa e análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Foi utilizado como instrumento de pesquisa, a entrevista semi-estruturada. A entrevista é uma técnica utilizada para se obter mais informações a respeito de um determinado assunto

por meio da interação entre duas pessoas ou mais, de maneira profissional (VERGARA, 2006).

O estudo pesquisou pessoas acima de 18 anos que tinham a atividade artesanal como fonte principal de renda. Os entrevistados consistiam em pessoas tanto do sexo feminino, como masculino e que tinham no artesanato uma atividade formal ou informal, sendo estes proprietários ou empregados.

4. O ESTUDO EMPÍRICO

A microrregião de São João Del Rei é tida como referência na produção artesanal. Situada no eixo da Estrada Real, os 17 (dezesete) municípios que compõe o Circuito Trilha dos Inconfidentes, é marcado pela diversidade e qualidade artesanal ali produzido. Santa Cruz de Minas, também inserido neste contexto, é caracterizada pelos diversos negócios que comercializam produtos artesanais. Ambos os municípios têm na atividade um grande número de pessoas que trabalham direta e indiretamente. Desta forma, compreender o sentido do trabalho para pessoas que tem na atividade artesanal a fonte principal de renda vem a ser o foco do estudo.

Por São João Del Rei ser caracterizado como referência na produção de peças artesanais em estanho, de acordo com o SEBRAE, buscou-se centrar a entrevista em pessoas que utilizam desta matéria-prima para a produção de peças. A madeira, por sua vez, é a matéria prima que predomina nos produtos artesanais feitos no município de Santa Cruz de Minas. Assim, a pesquisa procurou focar em artesãos que utilizam destas duas matérias primas, a fim de entender o sentido do trabalho para os mesmos. Do total de 30 entrevistas, entorno de 22 contribuíram de fato com o objetivo proposto neste estudo.

Os artesãos entrevistados foram compostos de 54% dos indivíduos do sexo masculino e 46% do sexo feminino. A idade predominante dos indivíduos está entre 18 a 30 anos, correspondendo a 46% dos entrevistados, seguido de 27% entre 30 e 40 anos e 27% acima de 40 anos. No que diz respeito ao vínculo, 62% dos entrevistados eram funcionários e 38% sócio ou proprietário.

Na análise dos discursos, pode-se notar, que somente 9% dos entrevistados relataram que tinham na atividade artesanal, apenas um trabalho, como outro qualquer, e que o exercício do ofício, não representava ou significava nenhum aspecto diferente ou peculiar, diante de outros tipos de trabalho. Já 29% tinham o artesanato como Meio de sobrevivência e fonte de renda. Entretanto, 50% destes, conciliavam o gosto pela atividade artesanal e 36% encontravam no trabalho artesanal uma forma de valorização cultural.

Outros 41% dos entrevistados estavam no setor pelo gosto que tinham pela atividade. E por fim, 18% exerciam a atividade artesanal devido ao valor simbólico cultural que representava na vida de cada um.

Os dados acima descritos, tem o objetivo apenas de caracterizar de modo geral o perfil dos entrevistados. Entretanto, através dos números, pode-se verificar o significado do exercício do fazer artesanal na concepção de cada indivíduo.

Os relatos retratados nas entrevistas, são um tanto diversos em relação à utilização de termos que descrevem o sentido do trabalho para o artesão. No entanto, é possível identificar, a forte representação que tem a arte com relação ao significado do trabalho. Alguns relatos são transcritos a seguir:

"... o trabalho artesanal é onde a gente pode se expressar, realizar os nossos ideais.[...]"

Trata-se, aqui, de uma aprendizagem não-verbal e que não faz uso de palavras e conceitos. Essa forma de expressão artística (ou artesanal) incorpora conteúdos existenciais. Estes se referem à experiência do viver, a visões de mundo, a estado de ser, a desejos, aspirações e sentimentos, e aos valores espirituais da vida. São conteúdos da própria consciência humana (OSTROWER, FAYA, 2003:11).

"...acima de tudo temos que trabalhar com que gostamos, e na minha escolha, amo o que faço, faço porque gosto. [...]". "...edifica o ego. É tudo na vida. muito gratificante quando termina a peça."

Durante as entrevistas, alguns artesãos até sentiram a oportunidade de retratar a desvalorização que sofre o artesanato, saindo um pouco do foco do estudo que consiste no sentido do trabalho, que vale considerar, pois é um fator que influencia diretamente na compreensão do sentido do trabalho para estes artesãos.

O estímulo a criatividade no trabalho artesanal representa para alguns, fator preponderante na construção da identidade do indivíduo:

"... o trabalho artesanal é diferente porque mostra como o ser humano é capaz de criar."

A experiência e o aprendizado que cada artesão carrega em sua memória passam a ser colocados em várias formas de expressões da criatividade (DIAS, 2003). O ato criador é inerente à condição humana. Criar é viver, experimentar, sentir, intuir. As fontes de criatividade se abrem quando dela nos acercamos sem espírito preconcebido, quando deixamos livremente fluir a inspiração (BATISTONI FILHO, 1989).

A satisfação pessoal no artesanato vivenciada por alguns artesãos chega ser intensa ao ponto de desejar que as gerações continuem a exercer o ofício;

"...quero poder continuar para um dia minha filha também poder trabalhar comigo no artesanato."

O artesanato para os segmentos populares, segundo Dias (2003) se baseia na experiência vivida e transmitida de geração para geração. A tradição familiar tem enorme peso no processo criativo. Pertencer a uma família de artistas ou crescer em meio artesanal é, geralmente, um meio de não só “dar continuidade à categoria”, mas manter os vínculos afetivos, a memória, as trocas simbólicas e os elos de solidariedade e dom necessários à gestão do cotidiano de cada artesão.

Outros artesãos relatam que foi no exercício da atividade que proporcionou o conhecimento do significado da arte e a valorização cultural.

"Trabalhar com artesanato, além de contribuir para meu desenvolvimento pessoal, tornando-me mais responsável e capaz, significa poder divulgar também este pedaço da cultura local."

Alguns artesãos se orgulham de exercer a atividade, devido a referência da região como produtora de artesanato:

"trabalhar com estanho é uma coisa especial, porque só tem em São João Del Rei a fabricação das peças".

O artesão relaciona a característica da cidade ser considerada o único município no país a produzir peças de estanho artesanalmente.

O fato de trabalhar na produção de produtos exclusivos, como é o caso do estanho, demonstra nos relatos dos artesãos, o orgulho no exercício do ofício e o impacto que o artesanato exerce sobre outros setores, como o turismo por exemplo.

É possível notar, que o gosto pela arte e a valorização cultural, a fim de afirmar tanto uma identidade individual, como regional, é um fator de destaque na caracterização do sentido do trabalho para os artesãos.

Nota-se que mesmo se tratando de atividade artesanal, o elemento matéria-prima, retratou aspectos diferentes no caso estudado devido a significação dos mesmos. No produto com base estanho, a maior parte dos artesãos orgulhavam-se por desempenhar a atividade, devido a forte representação que possui os produtos na caracterização regional do município.

Em relação aos artesãos que tinham como base a madeira, o fator criatividade e arte, ficou explícito nos depoimentos como principais fatores que proporcionavam aos artesãos um sentido no trabalho diferente, o que os reafirmavam como indivíduos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O questionamento quanto à relevância social e científica, de estudar os sentidos e significados que os trabalhadores de base artesanal atribuem a sua ação, de criar e transformar, foi o que norteou este artigo.

Se o homem reconhecer o trabalho somente como algo obrigatório e necessário à sobrevivência e aquisições deixa de perceber esse mesmo trabalho como a categoria integradora, pela qual pode criar e reconhecer-se enquanto indivíduo e ser social. O homem, alienado, torna-se apenas um produtor e consumidor de capital, deixando de buscar sua identidade nas atividades que executa. Deixa, então, de atribuir significados e sentidos positivos ao seu fazer.

Com base no que foi exposto no estudo, verifica-se que o trabalho artesanal pode estar associado a significados de natureza de identidade cultural, autonomia, auto-desenvolvimento, dentre muitos outros. Desta forma, verifica-se ainda que um trabalho ao qual são atribuídos significados e sentidos positivos, certamente sucede os aspectos motivacionais dos trabalhadores.

Porém, quando o artesanato deixa de ser um ofício escolhido por condições históricas individuais e passa a ocupar o cenário de um novo empreendimento alternativo, apropriado para sanar o crescente desemprego, o sentido do trabalho do fazer artesanal vem a se classificar na categoria de senso comum, ou como mero “trabalho” e meio de sobrevivência.

Desta forma, foi possível verificar que no exercício da atividade artesanal os valores e sentidos do trabalho possuem características peculiares. Conclui-se então, que o fenômeno de atribuir sentidos e significados ao trabalho precisa ser estudado em uma perspectiva multidisciplinar, pois se trata de um construto psicológico multidimensional e dinâmico, e que resulta da interação entre variáveis pessoais e sociais relacionadas ao trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, R. A. O Sentido do Trabalho: Visões de um Problema nos Séculos XIX e XX. Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de História – Programa de Pós-graduação em História Social. São Paulo, 2008.

ANTUNES, R. Adeus ao trabalho? ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Cortez, São Paulo 1995.

ANTUNES, R. Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. Boitempo 8. ed. São Paulo-SP. 2006.

- ANTUNES, R.** Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6. reimp. Boitempo editorial. São Paulo, 2003.
- BATISTONI FILHO, D.** Pequena História da Arte. Papirus. São Paulo. 1989.
- BRAVERMAM, A.** Trabalho e Capital Monopolista: A degradação do Trabalho no Século XX. 3 ed. Guanabara, Rio de Janeiro. 1987.
- CHANLAT, J. F.** Ciências sociais e management: reconciliando o econômico e o social. Atlas. São Paulo, 2000.
- CHIAVENATO, I.** Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações. Campus. Rio de Janeiro, 1999.
- DANIELLOU, F.** Introdução: Questões Epistemológicas acerca da Ergonomia. In: Daniellou, F. (org). A Ergonomia em Busca de seus Princípios. Edgard Blucher, São Paulo, 2004.
- DEJOURS, C.** O fator humano.: Ed. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1997.
- DEJOURS, C.** A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. Cortez Ed. São Paulo, 1987.
- DIAS, M. E. B.** As Areias Coloridas do Litoral Cearense Modeladas por Sábias Mãos. O público e o privado. N. 2. 2003
- DOURADO, D. P.; HOLANDA, L. A.; SILVA, M. M. M.; BISPO, D. A.** Sobre o sentido do trabalho fora do enclave de mercado. Cadernos EBAPÉ.BR, v. 7, nº 2, Rio de Janeiro, 2009.
- FOJA, C. R.** O Sentido do Trabalho para a geração Y: um estudo a partir do jovem executivo. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Administração e Economia, programa de pós-graduação em Administração. São Bernardo do Campo, 2009.
- GIL, A. C.** Como elaborar projetos de pesquisa. Atlas. São Paulo, 2006.
- GILL, F.** “The Meaning of Work: Lessons from Sociology, Psychology, and Political Theory.” Journal of Socio-Economics 28: 725–43. 2006.
- GOMES, C. L.** Lazer, trabalho e educação. 2. ed. UFMG. Belo Horizonte, 2008.
- GULLAR, F.** O artesanato e a crise da arte. Revista de Cultura e Vozes. s.n, v. 88, n. 4, p. 7-12, Petrópolis, 1994.
- HARPAZ, I.; FU, X.** The structure of meaning of work: a relative stability amidst change. Human relations. v. 55, p. 639-667, Londres, 2002.
- HEXSEL, A. E.; LAGRECA, R.** A construção e sustentação da vantagem competitiva por pequenas e médias empresas: o caso da Baldo. REAd - 57 ed. vol. 13, n. 3. 2007
- KOVÁCS, I.** Novas formas de organização do trabalho e autonomia no trabalho. Sociologia, Problemas e Práticas, nº 52, p. 41-65. 2006.
- KUBO, S. H.** Significado do Trabalho: Estudo nos setores público e privado. Universidade de São Paulo. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Departamento de Administração. Programa de Pós graduação em Administração. São Paulo, 2009.
- MARX, K.** The Capital. Encyclopædia Britannica, Inc. (Great Books). p. 79. Chicago, 1952.
- MASI, D.** O ócio criativo. Tradução de Léa Manzi. Sextante, p. 71-72. Rio de Janeiro, 2000.
- MISES, L. V.** Ação Humana: Um tratado de Economia. Tradução de Donald Stewart Jr. Instituto Liberal, 2. ed. Rio de Janeiro, 1995.
- MORIN, E. M.** Os Sentidos do Trabalho. RAE: Revista de Administração de Empresas, RAE Livros/FVG. v. 41, n. 3, pp. 8-9 São Paulo, 2001.
- MOW, International Research Team.** The Meaning of Working. Academic Press, London, 1987.
- OSTROWER, F.** Arte e Artista no século XX. In: Polis, n. 41. 2003.
- SOARES, C. R. V.** Significado do trabalho: um estudo comparativo de categorias ocupacionais. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Instituto de Psicologia - Universidade de Brasília. Brasília, 1992.

SON, S. Defining the meaning of work for minority older adults: a comparative study between Korean Americans and African Americans. Dissertation (Doctor of Philosophy) – Graduate School of Arts and Sciences. Columbia University. New York, 2006.

VIANNA, F. D. Estratégia Competitiva. Associação Brasileira de Ensino e Assistência. PUCRS. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <http://www.ee.pucrs.br/~filipi/pdfs/cq20052_secure.pdf> . Acesso em: 05 jul. 2011.

VERGARA, S. C. Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração (7ª ed.). Atlas. São Paulo, 2006.

WILSON, W.J. When work disappears. Knopf. New York, 1996.

WOLFE, A. The Moral Meaning of Work. The Journal of Socio-Economics Vol. 26. 1997.